



CLARICE LISPECTOR E ERVING GOFFMAN: NARRATIVAS MICROSSOCIOLÓGICAS¹

Clovis Carvalho BRITTO²

Resumo: A partir de algumas crônicas de Clarice Lispector extraídas do livro *A Descoberta do Mundo* (1999), o presente artigo ensaia algumas reflexões sobre a sociologia proposta por Erving Goffman (1988 e 2005), com destaque para o modo como a escritora tematiza a representação do eu na vida cotidiana e as relações de estigma. A idéia é articular literatura e sociedade a partir da aproximação das trajetórias sociais, recepção e projetos criadores de Goffman e Clarice. Nossa intenção é contribuir para uma abordagem multidisciplinar das crônicas de Lispector, prenhes de sentido social, na visualização das interações entre os seus personagens, das máscaras, rupturas e continuidades.

Palavras chave: Clarice Lispector. Erving Goffman. Representação. Literatura. Sociedade.

“Por uma fração de segundo a gente se vê
como a um objeto a ser olhado”
(Clarice Lispector, “A surpresa”, 1999, p. 23)

“A vida pode não ter muito de semelhante a
um jogo, mas a interação tem”
(Erving Goffman, 2005, p. 223)

O intuito de aproximar a sociologia de Goffman das crônicas escritas por Clarice Lispector pode, a princípio, parecer descabido ou pretensioso. Ainda mais quando a proposta consiste em efetuar considerações a respeito de alguns aspectos da teoria sociológica contemporânea. Pretensioso, talvez. Porém, nada descabido. Na medida em que mergulhamos em suas obras, diversos e insistentes pontos de contato forçaram passagem, aflorando afinidades em um diálogo que, conforme pretendemos demonstrar, contribui para a compreensão de seus projetos criadores.

Goffman e Clarice. Atores representativos e celebrados mundialmente em suas respectivas áreas do conhecimento. Ele, um dos mais importantes cientistas sociais do século XX, autor de onze livros, com destaque para o *best seller* *A representação do eu na vida cotidiana* – traduzido em quinze idiomas e com mais de dois milhões de exemplares vendidos – (Cf. GASTALDO, 2004), cuja obra traduz uma das formas mais bem sucedidas e originais de praticar a sociologia: “aquela que consiste em olhar de

¹ Versão revista do trabalho apresentado na mesa temática “Questões sociais e culturais na obra clariceana” no Seminário Internacional *Clarice em Cena: 30 anos depois*, Universidade de Brasília, 2008.

² Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília, linha de pesquisa “Arte, Cultura e Patrimônio”. Membro dos Grupos de Pesquisa “Cultura, Memória e Desenvolvimento” (UNB) e “Literatura e Outras Linguagens” (UEG). E-mail: clovisbritto5@hotmail.com.



perto e longamente a realidade social, (...) aquele que fez com que a sociologia descobrisse o infinitamente pequeno” (BOURDIEU, 2004, p. 11). Ela, uma das mais importantes escritoras do século XX, figura gigantesca na ficção e na literatura de língua portuguesa, elemento fulcral na teoria francesa, cuja obra, constantemente traduzida na Europa e na América, vem sendo apontada, por muitos, como exemplo da mais fina prática de escrita feminina (Cf. SHARPE, 1997; FITZ, 1997; e GOTLIB, 2003).

Filho de imigrantes judeus que fugiram do Exército Russo, Erving Goffman (1922-1982) nasceu em Mannville no Canadá e foi criado em Dauphin, Manitoba, em uma pequena vila habitada em sua maioria por ucranianos. De acordo com Winkin (2004), a história de Goffman é a história de um *outsider* geográfico e socialmente que conseguiu ascender intelectualmente ao topo de sua disciplina.

Nascida em Tchetchelnik, aldeia da Ucrânia, então pertencente à Rússia, Clarice Lispector (1920-1977) era filha de imigrantes judeus que fugiram da constante perseguição anti-semita. A escritora chegou ao Nordeste Brasileiro aos dois meses de idade, onde foi criada até sua mudança para o Rio de Janeiro. Clarice, assim como Goffman, tornou-se uma *outsider* geográfica e socialmente, que ascendeu intelectualmente ao topo de sua atividade profissional.

Os pontos de contato em suas trajetórias não se encerram nestas linhas. Outro importante fato que os aproximam é a confluência que tiveram com as obras de dois autores: Clarice encantou-se com Marcel Proust, autor cuja obra lia no original, e com Sartre, que tomou conhecimento nos meses em que permaneceu em Belém (Cf. DE FRANCESCHI, 2004). Autores que podem ser considerados “influências intelectuais” de Goffman. Sartre e Proust, juntamente com Freud, teriam desempenhado “um papel na configuração do trabalho posterior de Goffman. [...] A influência do existencialismo sartreano na obra de Goffman é um dos tópicos mais discutidos na crítica literária sobre o autor” (WINKIN, 2004, p. 26). Autores que explicariam, em certa medida, suas predileções por detalhes e a própria realização estilística:

O texto de Goffman é marcadamente ordenado e controlado, [...] sua linguagem mais detalhada e etnograficamente precisa, e seu uso da metáfora, mais autoconsciente. [...] Além do mais, o estilo analítico de Goffman, especialmente em seus últimos trabalhos, tem a qualidade envolvente de cooptar o leitor, convidando-o para ver o mundo do modo como Goffman o descortina (SMITH, 2004, p. 76-77).

Fragmentação, paixão pelos detalhes e escrita envolvente também são alguns dos aspectos ressaltados pelos críticos da obra clariceana: “Toda a literatura de Clarice



Lispector pode ser cortada à vontade, em pedacinhos, porque muito mais que o todo importa o detalhe” (QUEIROZ, 1944, p. 1). “No fim, revela ou oculta? [...] O mesmo fogo move o rigor da máscara – das máscaras de todas as personagens criadas -, um arder fundo e escuro, para que algum lugar encontrado dentro de nós o detecte” (SOUSA, 2004, p. 188-189). Muitos outros diálogos poderiam ser suscitados ao verificarmos as correspondências e transformações nas obras de Goffman e Clarice. Basta destacarmos as aproximações de seus projetos com áreas como a comunicação, a semiótica e a psicanálise. Se os motivos até aqui elencados ainda não justificarem nossa pretensão, é importante ressaltarmos que uma das críticas lançadas à obra do sociólogo é justamente o seu caráter literário:

Em 1959, *A representação do eu na vida cotidiana* foi um sucesso imediato, e o nome de Goffman foi ficando cada vez mais conhecido na área. Ainda assim, o comitê revisor, liderado por Andréas Papandreou, então titular do Departamento de Economia, enfrentou um dilema. [...] O trabalho é considerado muito suave, muito literário (WINKIN, 2004, p. 22).

Alguns, como Louch e Cioffi, chegaram ao ponto de considerar que a obra de Goffman deve ser tratada de modo análogo ao dos escritores de ficção devido a ausência de pesquisa de campo (Cf. SMITH, 2004). Apesar de tais críticas, concordamos com Smith (2004) quando dispõe que as ilustrações utilizadas por Goffman validam os seus conceitos, demonstrando relevância empírica e alertando-nos para sua utilidade potencial, sendo uma forma primeira de teste. Seus exemplos, desse modo, corresponderiam a suas demandas e “a primeira delas é simplesmente de que eles ilustrem e, portanto, mostrem a relevância de seus conceitos” (p. 72).

Tanto Goffman como Clarice são autores que exigem de seus analistas uma atenção redobrada, visto possuírem projetos criadores nada ingênuos. Apesar de pertencerem a áreas distintas, um produzindo ciência e a outra ficção, ousamos dizer que ao mesmo tempo em que Goffman possuía uma “sensibilidade literária”, Clarice era portadora de um *ethos* que poderíamos designar como “sensibilidade sociológica”. Além de todos estes pontos de contato, o que consideramos fundamental para a nossa proposta, é a opção deliberada dos dois autores pelo cotidiano, pelo instante, pelas relações efêmeras. Não por acaso, estudiosos de Goffman, como Velho (2002), acenam para o crescente interesse por uma análise e política do cotidiano e a importância do autor para a valorização dos estudos microssociológicos. Bourdieu (2004) o denominou de “o descobridor do infinitamente pequeno”, descobridor da infinidade de interações



infinitesimais cuja integração constrói a vida social. E não sem motivos os intérpretes da obra de Clarice destacam que o seu talento está no aproveitamento “de um acervo imenso de trivialidades domésticas, de realidades banais cotidianas” (LIMA, 1944, p. 1); que um de seus temas é o instante finito que anula o tempo cronológico (Cf. SÁ, 2004); e ser ponto comum em seus escritos a narrativa apoiada na apreensão do detalhe e do “instante-já”. Eis a convergência crucial: o “instante-já” ou conforme denominam alguns estudiosos da obra de Clarice, a epifania. Seus personagens são acometidos por um *insight* repentino – ou epifania – diante de fatos aparentemente banais. Seria uma revelação nascida de uma experiência corriqueira (Cf. DE FRANCESCHI, 2004). Estratégia também utilizada por Goffman ao desvendar o cotidiano, o banal, o instante. No romance *Água Viva* (1998), Clarice explicita sua predileção por este instante: “tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é” (p. 9). Sob essa perspectiva, Goffman realizou uma teoria dos momentos comuns, afirmando: que não deveríamos avaliar os homens e seus momentos, e sim, os momentos e seus homens (Cf. JOSEPH, 2000).

Desse modo, realizaremos um breve itinerário, recuperando alguns dos principais conceitos e idéias-chave de Goffman, desenvolvidos nos livros *A representação do eu na vida cotidiana* (2005), e *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (1988), ilustrando-os com trechos de crônicas de Clarice extraídos do livro “A descoberta do mundo” (1999). Nesse sentido, acreditamos não apenas iluminar as obras dos dois autores, apontando determinados pontos de contato, mas, sobretudo, compreender a sociologia de Goffman a partir de um método permanentemente utilizado e defendido pelo autor. Abordagem com a qual falaremos em uníssono:

Cada uma [das histórias utilizadas como ilustração] é uma encruzilhada entre um *experimentum crucim* e um assunto secundário; essa é a questão. O formato dos eventos relatados é completamente adequado as nossas demandas – que não são por fatos, mas por tipificações. Contá-las demonstra o poder de nossas compreensões convencionais para lidar com os potenciais bizarros da vida social, os limites extremos de nossa experiência. [...] Não apresento esses relatos, portanto, como evidência ou prova, mas como ilustrações esclarecedoras, como fantasias enquadradas que conseguem, através das centenas de liberdades tomadas por seus contadores, celebrar nossas crenças sobre o funcionamento do mundo. [...] Minha desculpa para mergulhar neste domínio pré-esvaziado é de que eu tenho um interesse especial, que não reconhece a diferença de valor entre um bom romance e um ruim, uma peça contemporânea ou uma antiga, uma tira de quadrinhos ou uma ópera. Todos são igualmente úteis para explicar o caráter de faixas de atividade experienciada (GOFFMAN, 1974, pp. 14-15).



1. Representações, capas de superficialismo?

O livro *A representação do eu na vida cotidiana* (2005) é um clássico da sociologia construído a partir da metáfora teatral: uma teoria dos momentos comuns que avalia o modo como os indivíduos, no cotidiano, apresentam a si mesmos e aos outros; os mecanismos com os quais transmitem e regulam as impressões a seu respeito, durante seus desempenhos (interações). Como uma representação teatral, a vida é repleta de momentos que são simulações. Nas palavras de Goffman, “coisas reais e, às vezes, bem ensaiadas” (p. 9). Assim, um ator se apresenta através de um personagem e para personagens também projetados por outros atores. Goffman centra suas análises nos processos de definição de situação e da própria interação. A interação seria uma ação recíproca exercida pelos indivíduos (ou equipes) quando em co-presença, nas situações de face-a-face, conversação, ou em presença no espaço público. Para Smith (2004), Goffman pode ser considerado engajado na análise e na elucidação de formas de socialização até então desconhecidas: trabalho de face; constrangimento; deferência; equipes; conduta; papéis discrepantes etc. Uma de suas principais preocupações é a ordem interacional, ordem que se funda no direito de olhar, num princípio de acessibilidade e disponibilidade das pessoas presentes que tendem, ao se expor, a dominar as impressões que provocam e a se observar enquanto agem (Cf. JOSEPH, 2000). Por isso, concordamos com Williams (1987) quando afirma que o método de Goffman, ao estudar as interações no cotidiano, não se funda na manutenção da ordem social (método cultivado por grande parte dos pensadores da sociologia clássica), mas na análise de como essa ordem pode se desmoronar, as causas e conseqüências desse desmoronamento e o modo como os indivíduos reagem a tais situações.

É importante percebermos que a ordem do processo interacional é frágil, a qualquer momento pode ser quebrada, em virtude de a impressão de realidade criada por uma representação ser delicada, suscetível a contratempos, gerando a possibilidade de rupturas na relação (embaraços, desconfianças e humilhações). Forte mensagem presente na teoria de Goffman é o caráter dramático do ator na modernidade, deixando perceber que se sofre ao viver socialmente. Pensamento que dialoga com Lispector quando afirma que “a vida é um soco no estômago” (1996, p. 102). Viver é angustiante, possui um grau



de tragicidade. Podemos afirmar que tanto Clarice, quanto Goffman expõem em suas obras “realidades sufocadas, camufladas e mesmo proibidas dos personagens, demonstrando com isto o grau de tragicidade oculto pela aparência da vida cotidiana” (CASTILHO, 2006, p. 17). A sociologia de Goffman enfatiza mais a ordem da interação do que a ordem social, revelando a estrutura da experiência individual da vida social. Preferimos utilizar a expressão “sociologia de Goffman” por entendermos que, apesar de sua obra ter sido influenciada pelo interacionismo simbólico e outras vertentes sociológicas, ela não pode ser enquadrado em nenhuma dessas tendências. Algumas idéias de Durkheim, Simmel, dos interacionistas, foram apropriadas, mas transformadas, o que implica que a teoria de Goffman possua autonomia e originalidade.

O processo de interação quase nunca é pacífico, pois a necessidade que se tem em confiar nas representações dos atores dá margem à possibilidade da falsa representação, é uma fina película que pode a qualquer momento ser devassada. Assim, sempre é possível manipular a impressão do observador, já que o ator pode exercer variados papéis. Portanto, as relações são vulneráveis. Esta seria uma das idéias chave de sua sociologia:

Em outras palavras, devemos estar capacitados para compreender que a impressão de realidade criada por uma representação é uma coisa delicada, frágil, que pode ser quebrada por minúsculos contratemplos. A coerência expressiva exigida nas representações põe em destaque uma decisiva discrepância entre nosso eu demasiado humano e nosso eu socializado. Como seres humanos somos, presumivelmente, criaturas com impulsos variáveis, com estados de espírito e energias que mudam de um momento para outro. Quando, porém nos revestimos de caráter de personagem em face de um público, não devemos estar sujeitos a altos e baixos (GOFFMAN, 2005, p. 58).

Goffman relata a necessidade que os atores têm de controlar suas representações, pois a qualquer momento pode surgir uma informação que contribua para o estabelecimento de rupturas, os chamados incidentes (gestos involuntários, intromissões inoportunas, cenas etc.) ameaçadores da realidade patrocinada. O controle das representações se pautaria, desse modo, em certos atributos e práticas que podem ser destacadas em três momentos: a) ações defensivas dos atores para realizar o próprio espetáculo; b) ações protetoras utilizadas pela platéia e/ou por estranhos que auxiliam os atores no êxito de suas representações; e c) ações que os atores utilizam para tornar possível a utilização, pela platéia e/ou estranhos, de medidas protetoras em seu próprio favor. Nessa perspectiva, um caso ou uma cena, funcionam como uma configuração pontual, ou seja, como uma prática normalizada pela qual o ator antecipa o



acontecimento cujas implicações e símbolos podem colocar em risco a interação. Daí a importância da reputação, valor social reivindicado durante a interação e difuso no fluxo dos acontecimentos do encontro. Vejamos algumas dessas cenas nas crônicas de Clarice.

Persona. Tenho pouca memória, por isso já não sei se era no antigo teatro grego que os atores, antes de entrar em cena, pregavam ao rosto uma máscara que representava pela expressão o que o papel de cada um deles iria exprimir. Bem sei que uma das qualidades de um ator está nas mutações sensíveis de seu rosto, e que a máscara esconde. [...] Quem sabe, eu acho que a máscara é um dar-se tão importante quanto o dar-se pela dor do rosto. Inclusive os adolescentes, estes que são puro rosto, à medida que vão vivendo fabricam a própria máscara. E com muita dor. Porque saber que de então em diante se vai passar a representar um papel é uma surpresa amedontradora. É a liberdade horrível de não ser. É a hora da escolha (LISPECTOR, “Persona”, 1999, p. 80).

Esta passagem se aproxima de algumas idéias de Goffman. Para ele, as representações consistem em atividades na interação que exercem influências sobre os observadores. Existiria um conjunto de técnicas de representação, cuja principal seria o controle da fachada. As fachadas seriam selecionadas e, portanto, propiciariam que os atores encontrem dificuldades ao selecioná-las dentre inúmeras possibilidades, ao egerem a mais adequada ao papel no qual pretendem atuar. O texto de Clarice acena tanto para a necessidade de representar, quanto para a necessidade e dificuldade de escolher o que ela define como “máscara”. Também destaca a dor, que devemos estar sempre atentos as representações para que estas não se rompam:

Depois de anos de verdadeiro sucesso com a máscara, de repente – ah, menos que de repente, por causa de um olhar passageiro ou uma palavra ouvida – de repente a máscara de guerra da vida cresta-se toda no rosto como lama seca, e os pedaços irregulares caem como um ruído oco no chão. Eis o rosto agora nu, maduro, sensível quando já não era mais para ser (LISPECTOR, “Persona”, 1999, p. 80).

Aí estão descritas duas características nevrálgicas na sociologia de Goffman. A importância do olhar e das palavras, mediando às interações (processo de comunicação mediado por signos verbais e não-verbais) e a possibilidade de ruptura. A consideração sociológica decisiva “é simplesmente que as impressões alimentadas pelas representações cotidianas estão sujeitas a ruptura” (GOFFMAN, 2005, p. 66). Segundo afirma, devemos procurar compreender a espécie de impressão de realidade que pode destruir a impressão alimentada de realidade, ou seja, os meios pelos quais uma dada impressão pode ser desacreditada. Acompanhemos duas cenas criadas por Clarice, um almoço entre senhoras e uma conversa no táxi:



Não só a anfitriã como cada convidada parecia estar satisfeita por tudo estar saindo bem. Como se houvesse sempre o perigo de subitamente revelar-se que aquela realidade de garçons mudos, de flores e de elegância estava um pouco acima delas. [...] Se todas tinham direito a esse ambiente, pareciam no entanto recluir o momento da gafe. Gafe é a hora em que certa realidade se revela. [...] O pior é que uma das convidadas só falava francês. O que fazia com que a senhora Y estivesse em dificuldades (LISPECTOR, “Crônica Social”, 1999, p. 189-191).

- A senhora quer ter a gentileza de me emprestar seus fósforos?
Estendi-lhe a caixa, e quando a devolveu, antes que ele dissesse alguma coisa, falei distraidamente por hábito:- De nada.
E ele: - Eu ainda não tinha agradecido. [...]
- Ah, não tem importância. [...]
Mas importava sim. Seu tom, ao ter falado, era o de um homem que defende leis que foram violadas. [...]
- De outra vez a senhora espere que lhe agradeçam.
Nada mais havia a fazer, além do que eu também já estava um pouco irritada. Até o fim da corrida não dissemos mais nada. E se há um silêncio mudo era aquele (LISPECTOR, “Um homem feliz”, 1999, p. 180-181).

Duas cenas do cotidiano, aparentemente banais, mas preñes de significado e, por isso, possibilita-nos dialogar com outra característica da sociologia de Goffman: ela evita efetuar juízos morais, não importando se as relações são boas ou ruins; se o objeto é nobre ou não; se as representações são falsas ou verdadeiras; mas se são ou não apropriadas. Para Becker (2004), Goffman nomeava as coisas de modo que evitava julgamentos morais convencionais, tornando o trabalho científico possível.

Voltando às cenas descritas por Clarice, podemos observar que os usos, procedimentos e arranjos, são constantemente emergentes. Regularidades e obrigações, disciplinas do olhar, preocupação de se mostrar apresentável, irritações etc., exigem que “reativemos constantemente e que rerepresentemos para os outros e para nós mesmos” (JOSEPH, 2000, p. 9) constituindo um registro imediatamente sensível e manipulável das experiências cotidianas. Também é importante compreender as civilidades, os momentos e olhares, pois os atores em visibilidade mútua são ao mesmo tempo atores e observadores. Todavia, a apresentação do eu não se resume a uma gestão calculada de aparências e máscaras. O trabalho de figuração é um empenho para e sob o controle de outrem:

O face a face é uma estrutura de socialização fundamental, não como equivalente comportamental da intersubjetividade, mas pela presença ativa do público (testemunha, espectador ou participante). Ela é que mobiliza essa linguagem das aparências cuja fórmula seria: [nas palavras de Goffman] ‘A natureza mais profunda do indivíduo está à flor da pele: a pele dos outros’ (JOSEPH, 2000, p. 49).

As representações seriam fruto de um conflito, entre o interno e o externo, entre o



indivíduo e os outros, um jogo em prol da manutenção do controle expressivo, e competiria ao sociólogo compreendê-las, “retirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo” (LISPECTOR, “Declaração de Amor”, 1999, p. 100).

2. Via crucis clandestina: manipulando identidades deterioradas

Este título consiste na fusão de títulos de dois livros de Clarice: *A via crucis do corpo* (1994) e *Felicidade clandestina* (1998). Em grande parte de suas obras a autora se inspirou nas estratégias utilizadas por estigmatizados para lidar com a rejeição e as informações sobre si projetadas nas interações, reconstituindo, através de cenas e personagens, as lutas cotidianas para o fortalecimento e construção da identidade social. Em um de seus romances, chega a afirmar: “o acontecimento fica tatuado em marca de fogo em carne viva e todos os que percebem o estigma fogem com horror” (LISPECTOR, 1996, p. 22).

Para Goffman (1988), uma das cenas fundamentais da sociologia ocorre quando “normais” e estigmatizados se encontram em presença imediata uns dos outros, visto que estes momentos propiciam que ambos enfrentem diretamente as causas e efeitos do estigma. O estigma, nesse aspecto, seria uma característica depreciativa no status moral do indivíduo que a apresenta, fato que o torna inabilitado para a plena aceitação social. Em *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (1988), suas análises se detêm no estudo sobre a situação dos indivíduos incapazes de se enquadrarem de forma plena nos padrões normalizados pela sociedade, seja por deformações físicas, psíquicas, de caráter ou por qualquer característica que os torne diferentes e/ou inferiores. Avaliando os “contatos mistos”, ou seja, os momentos em que “normais” e estigmatizados se encontram em presença física imediata, durante uma conversação, presença simultânea ou encontro informal, Goffman demonstra as implicações sociais da manipulação da informação sobre uma característica ou defeito: “Exibi-lo ou ocultá-lo, contá-lo ou não contá-lo, revelá-lo ou escondê-lo, mentir ou não mentir e, em cada caso, para quem, como, quando e onde” (1988, p. 51). A partir de exemplos, muitos trazidos da literatura, o sociólogo estuda o estigma, a socialização dos indivíduos estigmatizados, a manipulação da informação sobre as características tidas como depreciativas e as reações encontradas em situação de interação social. Segundo afirma, a sociedade



estabelece mecanismos para categorizar as pessoas, definindo os atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada categoria. Haveria um controle sobre os atributos e, portanto, mecanismos de verificação de certos aspectos da informação social que os indivíduos fornecem sobre si. Clarice nos traz alguns exemplos:

Se você não tomar cuidado vira número até para si mesmo. Porque a partir do instante em que você nasce classificam-no com um número. Sua identidade no Félix Pacheco é um número. O registro civil é um número. Profissionalmente falando você também é. Para ser motorista, tem carteira com número, e chapa de carro. No Imposto de Renda, o contribuinte é identificado com um número. Seu prédio, seu telefone, seu número de apartamento – tudo é número. Se é dos que abrem crediário, para eles você é um número. Se tem propriedade, também. Se é sócio de um clube tem um número. Se é imortal da Academia Brasileira de Letras tem o número da cadeira. [...] Para tomar um avião, dão-lhe um número. Se possui ações também recebe um, como acionista de uma companhia. É claro que você é um número no recenseamento. Se é católico recebe número de batismo. No registro civil ou religioso você é um número. [...] E quando a gente morre, no jazigo, tem um número. E a certidão de óbito também. Nós não somos ninguém? Protesto. Aliás é inútil o protesto. E vai ver meu protesto também é número. [...] Tentei várias vezes na vida não ter número e não escapei. O que faz com que precisemos muito de carinho, de nome próprio, de genuinidade. Vamos amar que o amor não tem número. Ou tem? (“Você é um número”, 1999, p. 365-366).

Em nossas trajetórias várias são as tentativas de controlar e certificar as informações que transmitimos. Todavia, esse controle também é realizado através de mínimos detalhes que perpassam as interações (características físicas, comportamentos etc.) Quando um estranho ingressa em um grupo, seus aspectos permitiriam prever a sua categoria e atributos, enfim, a sua identidade social. O estranho, nesse caso, seria o indivíduo portador de um atributo que o diferenciaria dos outros integrantes de uma categoria em que pudesse ser incluído. Dessa forma, ele não é considerado comum, mas “estragado” e diminuído. Essa característica seria um estigma (também considerado defeito, fraqueza, desvantagem) e constituiria uma discrepância entre identidade social virtual e a identidade social real. O termo assumiria uma dupla perspectiva: o estigmatizado assume que a sua característica distintiva já é conhecida ou evidente; ou que não é conhecido nem perceptível imediatamente.

De acordo com suas análises, poderíamos destacar três tipos de estigmas diferentes: a) abominações no corpo (deformações físicas); b) culpas de caráter individual (distúrbio mental, vício, desemprego, homossexualismo, tentativas de suicídio, comportamento político radical, por exemplo); e c) estigmas de raça, nação e religião. Em todos esses estigmas encontraríamos as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social



cotidiana e possui um traço destoante que nele se destaca e afasta aqueles que ele encontra, impossibilitando a atenção para outros atributos seus. Vejamos algumas dessas situações retratadas nas crônicas de Clarice:

Ela era gorda, baixa, sardenta, e de cabelos excessivamente crespos. (...) Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres (“Tortura e Glória”, 1999, p. 27).

O corpo crescia, e ela ficava cada vez mais amarela sob a cor de mulata quase branca. O que os patrões não perdoavam é que dessa vez tivesse acontecido com um ‘negro sujo’, como se eles tivessem para ela planos de um homem menos negro e mais limpo. Às vezes, quando ela passava com a bandeja na mão, olhavam-na com curiosidade e diziam em tom velado por causa dos netos presentes: logo um negro sujo (“O Arranjo”, 1999, p. 117).

Arranjei um editor para um rapaz que me parecia hippie. Perguntei-lhe se fumava maconha. Ele sorriu diante da pergunta direta e disse: mas não sou viciado (“Trechos”, 1999, p. 377).

Tais cenas dialogam com aspectos caros a sociologia de Goffman, o controle da informação e identidade pessoal, especialmente quando examina as formas de manipulação da informação relativa a aspectos considerados como possíveis defeitos. Daí a importância do que ele denomina como a dupla perspectiva do estigma: a do indivíduo desacreditado e a do indivíduo desacreditável. Colaborando com este aspecto, Goffman analisa a informação transmitida pelo próprio indivíduo, através de símbolos, a partir de três categorias: símbolos de prestígio; símbolos de estigma; e símbolos desidentificadores (que tendem a quebrar uma imagem, lançando dúvidas sobre a validade da identidade virtual. O estigma, nesse sentido, não se resumiria a um mero atributo pessoal, mas seria um modo de designação social:

Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e conceito, embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito. (...) O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso (GOFFMAN, 1988, p. 13).

Giddens (2002) ressalta que podemos compreender facilmente os rituais da vida diária como um mecanismo de enfrentamento. Segundo afirma, os rituais de confiança e comportamentos cotidianos, discutidos por Goffman, são mais do que meios de proteção de nossa auto-estima e da dos outros, pois: “na medida em que dizem respeito à



substância básica da interação cotidiana – pelo controle dos gestos do corpo, do rosto e do olhar, e do uso da linguagem – tocam nos aspectos mais básicos da segurança ontológica” (p. 49). Mais uma vez, percebemos quão frágil são as interações, que vivemos em uma constante e clandestina via crucis, na iminência de ocorrer algo que prejudique os propósitos de nossa representação. Todos os considerados “normais” correm o risco de ser, em algum momento, estigmatizados. Assim, observamos que todos nós controlamos de diversas formas as informações que transmitimos aos outros, num cotidiano embate que perpassa as ínfimas nuances das interações.

Considerações finais

De acordo com Goffman, a estrutura do “eu” pode ser avaliada mediante o modo de execução das representações. O indivíduo deve ser olhado como um ator que encena e como personagem. O “eu” como um personagem representado é um efeito dramático cuja questão central consiste em ser acreditado ou desacreditado na interação. O indivíduo como ator, a partir de um treinamento e do uso de técnicas e estratégias, seria aquele que executa um determinado papel. O esquema conceitual de Goffman (2005) se foca na estrutura dos encontros sociais, que surge quando os indivíduos se encontram na presença física imediata uns dos outros. Estrutura cujo objetivo fundamental é a manutenção de “uma única definição de situação, definição que tem de ser expressa, e esta expressão mantida em face de uma grande quantidade de possíveis rupturas” (p. 233).

O intuito deste artigo foi focar em alguns desses conceitos que consideramos centrais na sociologia de Goffman, exemplificando-os através das crônicas de Clarice Lispector. Conforme destacamos, muitos foram os pontos de contato que verificamos entre os dois autores, apesar de serem de áreas distintas: trajetórias sociais similares, influências literárias, adoções temáticas, projeto epifânico – revelação através do corriqueiro, esse momento banal, mas revelador - ao mesmo tempo simples e complexo; frágil e doloroso; de expectativas. Projetos que contribuem para revelar, para promover a descoberta do mundo social: “se eu fosse eu’ parece representar o nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova no desconhecido. No entanto tenho a intuição de que, passadas as primeiras chamadas loucuras da festa que seria, teríamos enfim a experiência do mundo. Bem sei, experimentaríamos enfim em pleno a dor do mundo”



(LISPECTOR, “Se eu fosse eu”, 1999, p. 156). Para Joseph (2000), a noção de momento resume a característica que a vida social tem de ser descritível e situada e, ao mesmo tempo, estruturalmente problemática. Se o eu é estruturalmente alterável, ele pode “tomar-se por outro, até a loucura, ou pôr-se no lugar de outro e engajar-se num papel” (p. 91). Engajar-se no mundo seria descobri-lo nos instantes comuns do cotidiano, ser capaz de explicá-lo. Dor de ao mesmo tempo ser e poder não ser, entre promessa e recompensa, êxito ou humilhação, na frágil trama de segundos que formam as definições das situações da vida.

Abstract: Through the analysis of Clarice Lispector’s chronic extracted from the book *A Descoberta do Mundo* (1999), this article engages in some reflections on Erving Goffman’s sociology (1988 and 2005), in the manner with which the writer performs the representation of in daily life and relationships of stigma. It seeks to articulate literature and society from the approximation of social trajectories, reception and projects creators Goffman and Clarice. We intend to contribute to a multidisciplinary approach to the chronic Lispector, pregnant from a social sense, in view of the interactions between its characters, masks, ruptures and continuities.

Keywords: Clarice Lispector. Erving Goffman. Representation. Literature. Society.

Referências Bibliográficas

BECKER, Howard. As políticas da apresentação: Goffman e as Instituições Totais. In: GASTALDO, Édison (Org.). *Erving Goffman: desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. pp. 101-110.

BOURDIEU, Pierre. Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno. In: GASTALDO, Édison (Org.). *Erving Goffman: desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004, pp. 11-12.

CASTILHO, Ângela de Oliveira. *Clarice Lispector e Nelson Rodrigues: modernidade e tragicidade*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

DE FRANCESCHI, Antônio F. (Org.). *Clarice Lispector: cadernos de literatura brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.

FITZ, Earl. E. Ambigüidade e gênero: estabelecendo a diferença entre a ficção escrita por mulheres no Brasil e na América espanhola. In: SHARPE, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis; Goiânia: Mulheres, Editora da UFG, 1997, p. 23-32.

GASTALDO, Édison (Org.). *Erving Goffman: desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.



- GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: na essay on the organization of experience*. New York: Harper and How, 1974.
- GOTLIB, Nádía Battella. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé (Orgs.). *Refazendo Nós: ensaios sobre mulheres na literatura*. Florianópolis; Santa Cruz: Mulheres; Edunisc, 2003, pp. 19-72.
- JOSEPH, Isaac. *Erving Goffman e a microsociologia*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.
- LIMA, Jorge de. Romances de mulher. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1.º nov. 1944.
- LISPECTOR, Clarice. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.
- LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- QUEIROZ, Dinah Silveira de. A verdade na república das letras. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 25 fev. 1944.
- SÁ, Olga de. Uma metafísica da matéria ou uma poética do corpo. In: DE FRANCESCHI, Antônio F. (Org.). *Clarice Lispector: cadernos de literatura brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.
- SHARPE, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis; Goiânia: Mulheres, Editora da UFG, 1997.
- SMITH, Greg. Instantâneos 'sub specie aeternitatis' Simmel, Goffman e a sociologia formal. In: GASTALDO, Édison (Org.). *Erving Goffman: desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004, pp. 47-80.
- SOUSA, Carlos Mendes de. A revelação do nome. In: DE FRANCESCHI, Antônio F. (Org.). *Clarice Lispector: cadernos de literatura brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.
- VELHO, Gilberto. Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil. *Sociologia*, maio 2002, n. 38, pp. 9-17
- WILLIAMS, Simon. Goffman, interactionism and the management of stigma in everyday life. *Sociological Theory and Medical Sociology*. New York, Tavistock, 1987, p. 134-164.
- WINKIN, Yves. Erving Goffman: o que é uma vida? O incômodo fazer de uma biografia intelectual. In: GASTALDO, Édison (Org.). *Erving Goffman: desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004, p. 13-36.

Recebido para avaliação em 18/06/2010

Aceito para publicação em 24/08/2010